

Renda no Lago Sul resiste à pandemia e é a maior do país

Bairro mais nobre de Brasília tem renda média de R\$ 23.019 contra R\$ 2.981 de todo o Distrito Federal. Quando considerados apenas os moradores que declaram Imposto de Renda, o ganho médio no Lago Sul sobe para R\$ 38.460, segundo a Fundação Getulio Vargas. A região concentra a elite do funcionalismo do Executivo, do Legislativo e do Judiciário, além da nata do empresariado. PÁGINA 7

DESIGUALDADE / Estudo da Fundação Getúlio Vargas mostra que a maior concentração de renda no Brasil fica no bairro nobre de Brasília. O ganho médio dos moradores é de R\$ 23.019 — se considerados só os que declaram Imposto de Renda, rendimento sobe para R\$ 38.460

Lago Sul, berço da riqueza no país

» VERA BATISTA
» ALESSANDRA AZEVEDO

Quem pensava que a maior concentração de renda do país estava no eixo Rio-São Paulo enganou-se. O Lago Sul é o epicentro da riqueza no Brasil. Levantamento do economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV Social), mostra que os abastados da região mais nobre da capital embolsam, em média, R\$ 23.019 por mês. E quem acha o valor alto tem nova surpresa ao constatar que, quando se consideram apenas os moradores que declaram Imposto de Renda, a remuneração sobe para R\$ 38.460. “Vale lembrar que, no Brasil, 15% das pessoas pagam IR, cerca de 30 milhões de contribuintes”, ressalta Neri. No Lago Sul, são 29.346 habitantes, de acordo com a Companhia de Planejamento (Codeplan).

Quando analisa-se a renda média das capitais do país, Brasília fica na quarta posição, com R\$ 2.981, segundo a FGV. Está atrás de Florianópolis (R\$ 3.998), Porto Alegre (R\$ 3.725) e Vitória (R\$ 3.516). Ou seja, no DF, os ricos são muito ricos, mas a grande maioria das pessoas vive com rendimentos bem baixos.

O DF tem Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 215,6 bilhões, o oitavo do país. Além disso, é a oitava unidade federativa menos populosa do Brasil, segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Mesmo respondendo por apenas 3,8% do PIB nacional, o motivo de a capital apresentar tantas discrepâncias são as altas ren-

das dos funcionários públicos — e grande parte deles mora no Lago Sul. “A elite do Judiciário, do Ministério Público, das relações exteriores, da Receita Federal, entre outros. É o que explica essa concentração. A disparidade tende a se agravar no pós-pandemia, já que as pessoas vão sair mais pobres da crise”, destaca Marcelo Neri.

Mesmo antes da pandemia do novo coronavírus, lembra o economista, pelos dados do último trimestre de 2019, os 10% mais ricos no país tinham elevado o patrimônio em 0,8%, enquanto os mais pobres viram a renda diminuir em 6,2%. O economista Gil Castello Branco, secretário-geral da Associação Contas Abertas, destaca que relatórios do Banco Mundial, de 2017, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e da FGV apresentam informações contundentes sobre as despesas da União com pessoal. Os servidores federais têm, em média, salário 96% maior do que profissionais da iniciativa privada em cargos semelhantes, na mesma área de atuação. A diferença no Brasil entre os salários dos setores público federal e privado é a maior entre os 53 países comparados pelo Banco Mundial. E fica 21% acima da média internacional. O Brasil gasta mais com funcionalismo do que Estados Unidos, Portugal e França.

“O Estado brasileiro é paquidêmico, corporativo, ineficiente e caro. Apesar da carga tributária elevada (35,17% do PIB, em 2019), os serviços, de forma geral — pois há ilhas de excelência — são de péssima qualidade”, assinala o secretário-geral da Associação Contas Abertas. Mas a alta renda

também é explicada pela atração de negócios proporcionados pelo governo. “Não são apenas servidores e privilegiados que ganham jetons (gratificações) em conselho fiscais e administrativos. Há, também, empresários, parlamentares e até advogados trabalhistas que enriqueceram defendendo sindicatos, entre outros prestadores de serviço”, explica Castello Branco.

O economista Cesar Berço, sócio-consultor da Corretora OpenInvest, considera Brasília “um ponto fora da curva” pela forma como foi povoada. “Como o Lago Sul é aprazível, com extensa área verde e muita segurança, acabou sendo o lugar preferido dos ricos empresários de primeira linha, como empreiteiros e donos de hospitais. A desigualdade foi se ampliando com a urbanização de Brasília”, ressalta Berço. Segundo ele, a concentração da riqueza fica entre as quadras 3 e 13. “Fora dessa faixa, a situação é um pouco diferente”, garante.

A professora Anna Maria Grebot, 60 anos, moradora de uma das quadras no fim do Lago Sul, cita dois tipos de vizinhos mais comuns: os que são muito ricos e os que compraram terrenos à época em que Brasília estava sendo construída, quando o local era vazio, e os preços, mais baixos. A família dela encaixa-se no segundo grupo. “A ideia de região extremamente rica é mais em função das quadras onde ficam ministros, políticos, juízes e outros servidores. Claro que, em geral, as pessoas têm dinheiro, mas essa parte puxa muito os números para cima”, avalia.

Embora reconheça os pontos positivos, como a tranquilidade e o espaço livre, Anna tem críticas ao local onde passou a adolescência e quase toda a vida adulta. Uma das principais é o elitismo que observa em alguns vizinhos. “Defendo a criação de um parque na região da Ponte JK, que tem área verde enorme e poderia ser usada por todos. Mas muitos resistem, dizem que as pessoas vão invadir e estragar a orla, como se o lago não fosse de todos”, lamenta.

Onde estão os ricos do DF

A maior concentração de riqueza no país está no Lago Sul. A mais nobre região da capital tem renda média de R\$ 23.019 mensais. Veja a situação de 10 cidades do Distrito Federal:

RENDIA MÉDIA (EM R\$)



1	Lago Sul	23.019,99
2	Lago Norte	12.148,97
3	Sudoeste/Octogonal	11.460,84
4	Jardim Botânico	10.991,82
5	Brasília	10.409,60
6	Park Way	10.338,26
7	SIA	8.201,51
8	Sobradinho	7.070,49
9	Águas Claras	5.800,27
10	Guará	4.643,40

CAPITAIS DA RIQUEZA

Entre as capitais, quando se considera toda a população, a maior renda por habitante é de Florianópolis, com R\$ 3.998 mensais, seguido por Porto Alegre e Vitória. Apenas depois vem o eixo Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro:

Renda média (em R\$)

Florianópolis	3.998
Porto Alegre	3.725
Vitória	3.516
São Paulo	3.387
Curitiba	3.241
Brasília	2.981
Rio de Janeiro	2.898
Belo Horizonte	2.803

Fonte: FGV Social, a partir dos dados do IRPF 2018 e do TCU/IBGE 2019

Maioria branca e católica

A maioria dos moradores do Lago Sul, local que concentra as maiores rendas per capita do país, são brancos, casados, com escolaridade alta e cristãos, de acordo com a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan). Na região, 69,5% dos habitantes são brancos; 28,78%, pardos; e 1,49%, pretos. Os dados mostram que 68,6% têm nível superior completo, incluindo especialização, mestrado e doutorado. Dos moradores do Lago Sul, 34,3% nasceram no DF. A maioria dos imigrantes, 50,25%, vem do Sudeste; 20,89%, do Nordeste, 11,72%, do Centro-Oeste; 8,47%, do Sul; e 2,76% do Norte. Em relação à origem, Minas Gerais é o estado mais representativo, com 20,18%. Depois, aparecem Rio de Janeiro (19,12%), Goiás (9,65%) e São Paulo (9,56%).

O que levou a carioca Jane Carol Azevedo, 71 anos, a sair do Rio de Janeiro para morar no Lago Sul, em 1976, foi a perspectiva de encontrar um lugar mais calmo para as crianças. Quando chegou à cidade, com marido e dois filhos pequenos, de seis meses e três anos, não se decepcionou. "O que me atraiu foi a liberdade, o espaço livre. É quase uma cidade do interior, com muito verde e qualidade de vida. Ótimo para famílias", conta.

Jane foi a segunda de quatro irmãs a mudar-se para a capital. Pouco depois, as outras duas foram morar na mesma quadra do Lago Sul e levaram a mãe. Hoje, além delas, filhos, netos e sobrinhos são vizinhos. O movimento é recorrente: pelos dados da Codeplan, 58,4% dos moradores do Lago Sul chegam a Brasília para acompanhar parentes. Outros 23,75%, à procura de emprego. Os 11,23% restantes, por transferência do local de trabalho.

A maioria dos habitantes do Lago Sul, 46,5%, tem entre 25 e 59 anos. Os idosos são 34%. A população de até 14 anos totaliza 9,2%. Os casados são 50,6%, seguidos pelos solteiros, 31,99%. E 6,93% têm união estável. Viúvos e divorciados representam 5,17% e 3,54%, respectivamente. Só 12,23% dos moradores não têm religião. Pelos números da Codeplan, 72,31% são católicos; 7,57%, evangélicos; 6,66%, espíritas. Entre os habitantes da região, 98% têm automóvel.

Aposentados

No estudo da Codeplan, de 2017, a renda domiciliar média apurada foi de R\$ 23.591, e a renda per capita, de R\$ 8.117. Os 10% mais ricos absorvem 26,7% da renda, e os 10% de menor poder aquisitivo detêm 12%. Na região, a totalidade das construções é permanente. Dessas, 98,8% são casas: 87,4% dos domicílios são próprios. A maioria dos responsáveis pelos lares, segundo a pesquisa, é de aposentados, 50,6%, seguidos por trabalhadores remunerados, 43,2%.

Monique Renne/CB/D.A Press - 17/3/7



Vista aérea do Lago Sul: 29.346 habitantes, sendo que a maioria trabalha na administração pública